

CRÓNICAS DO MEU JARDIM

Quando os melros tinham asas

A plumagem é inteiramente preta. O bico, efusivamente amarelo. O canto, inconfundivelmente melodioso, e a silhueta, sempre emproada e ativa, bem que poderia pertencer a um qualquer bicho de apelido Bonaparte. Senhoras e senhores, apresento-vos o rei do meu jardim: o melro-preto. Uma ave da família dos tordos, cuja longa caminhada de sucesso na colonização do habitat humano bem que poderia dar um filme épico. Ou talvez dois... ou se calhar uma saga inteira, a avaliar pelas aventuras e desventuras da espécie desde a perseguição generalizada à coroação como estrela dos nossos parques e jardins. Mas, como em todas as histórias belas, também esta traz apenas um senão. Saiba porquê, nesta crónica cheia de penas.



Melros, melras e melrinhos

Perdoar-me-ão os leitores mais jovens se, neste introito à laia de memória histórica, me dirigir ao público mais velho. E por *público mais velho* refiro-me aos putos dos anos 80, aqueles que colecionaram os cromos do Mundial de Futebol de Espanha de 1982, que dançaram ao som do rock psicadélico dos Smiths (quem não se lembra... *The boy with the thorn in his side?*) ou tiveram o privilégio de assistir à estreia do filme E.T., de Steven Spielberg. Para esses (com a devida reverência pelas memórias boas que colecionaram) decerto que fará sentido a descrição que agora enceto, sopesando a relação entre os representantes atuais do género *Homo* (em particular a subespécie *Homo sapiens lousadensis*) e a espécie *Turdus merula*, designação científica do melro que, traduzida à letra significa «tordo-preto» (aparentemente, o zoólogo Carl Nilsson Linnaeus, afamado taxonomista sueco do século XVIII que classificou esta e uns milhares de outras espécies, padecia de uma propensão inata para o óbvio: *ora bem, o bicho é preto... é da família dos tordos... vou chamar-lhe... hmmm... já sei, tordo-preto*).

Ora então, enquanto membro da subespécie *lousadensis* dos anos 80, lembro-me que, nessa altura, os melros eram aves esquivas, receosas e difíceis de observar em qualquer quintal ou jardim. Era bem mais fácil ouvi-los que vê-los. E não era à toa que os melros eram desconfiados. Nessa época, era prática habitual os melrinhos (leia-se, *putos traquinas sem acesso a androides, tablets e demais aparelhos indutores de letargia*) praticarem uma atividade generalizada de cariz lúdico-desportivo-cinegética denominada *andar aos ninhos*, que é como quem diz: passar a primavera de nariz no ar atrás da passurada com o fito de *tirar os ninhos* às aves. Quais? Na verdade, tudo o que voasse era tido como alvo potencial dos jovens meliantes, mas no íntimo, o que a moçarada imberbe e rebelde desejava mesmo era encontrar o *tal* trofeu que os haveria de coroar como *rei dos ninhos*: um ninho de melro! A atividade, para gaudío da rapaziada campesina e desespero evidente dos melros (tenho a certeza que nessa época muitos melros padeciam de níveis elevadíssimos de stress e eram muito mais afoitos a enfartes do miocárdio) acabava, quase sempre, com as crias de melro a serem levadas para casa para serem criadas à mão.



FIGURA 1 Cerca de 15 dias separam a postura dos ovos da eclosão das pequenas crias de melro. O primeiro voo, já com as crias cobertas de penas, acontece entre 12 e 19 dias depois.

Findas algumas semanas, as *melras*, designação popularmente atribuída às fêmeas dos melros, (curiosamente trata-se, ainda hoje, de um termo carinhosamente empregue por indivíduos da espécie *Homo sapiens trolhensis* para designar fêmeas bem apessoadas da sua própria espécie que se atravessam no seu campo visual), claramente sem qualquer queda para o trauteio aflautado, eram libertadas, cabendo aos machos o cruel destino de cantar em cativeteiro perpétuo para deleite perverso dos seus captiores.

Minhocas e cerejas

Em algumas décadas, a ancestral prática de *tirar ninhos* caiu em desuso. No final dos anos 90, os mais velhos ficaram ainda mais velhos e talvez mais complacentes com o mundo animal, os mais novos, nascidos na era da *World Wide Web*, porque nunca expostos a saudáveis genocídios ornitológicos, acabaram por renegá-la, entretidos que andavam com o maravilhoso mundo novo das tecnologias de comunicação onde os genocídios, bem visto, eram virtuais. Por outro lado, a ação punitiva das autoridades e os imperativos de consciência coletiva determinaram, se não a erradicação desta insensível atividade predatória, pelo menos a sua redução substancial, a ponto de os melros, os principais visados dessa prática, deixarem de ser açoitados e, a partir de dado momento, terem encetado a aventura das descobertas, rumo ao Novo Mundo



FIGURA 2 Durante o primeiro mês de vida ambos os progenitores alimentam as crias com minhocas e vermes.

(dos jardins e hortas, bem entendido). Uma espécie de *bora lá malta mostrar ao Cabral como é que se faz!* Foi uma viagem épica, dos arrabaldes da civilização até ao coração dos jardins da terra lousadense. Duas décadas bastaram para que, da mais ocidental praia lusitana (leia-se, *silvados da beira de estrada num qualquer lugarejo deste idílico concelho*), os melros reclamassem como sua toda a velha *Laussata* (onde se inclui o minúsculo habitat da fortemente ameaçada sub-sub-subespécie *Homo sapiens lousadensis jardineirus steinewenders*).

Ninhada após ninhada, as hostes melras eram enviadas em modo aerotransportado rumo à terra desconhecida. Não se tratava de uma pátria pristina é certo, ocupada que estava por populações indígenas de lousadenses assaz versadas na arte da

bordoadada ao passarinho, mas era, ainda assim, uma promessa de éden, conforme as escrituras (não essas, as outras... de promessa compra e venda). Equipados com a mais recente tecnologia de combate (leia-se, bicos robustos, patas ágeis,

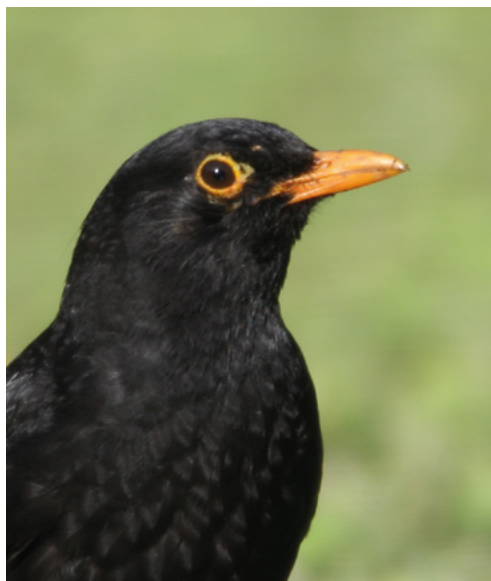


FIGURA 3 Nesta espécie, as diferenças entre machos [esquerda] e fêmeas [direita] são evidentes. Para além da cor preta, os machos distinguem-se das fêmeas pelo bico e anel orbital intensamente amarelos.

asas fortes e temperamento arrogante e atrevido) os melros rapidamente dominaram (ou será que indominaram?) as tais populações indígenas (*vê e aprende, Cabral*).

Desta forma, de raros e medrosos visitantes dos nossos jardins, parques, hortas e quintais, os melros tornaram-se residentes (e comensais) abundantes, temerosos e nada parcimoniosos na hora de escolher a morada: *uuuu um jardim com 5 m² de verde? Parece mesmo o T5 da tia Merula! Perfeito, vamos lá trazer a mobília*. E assim, como em todo o lado, os melros lá acabaram, também, por chegar ao meu humilde jardim e fixar-se, até hoje. E ainda bem, dado que tenho um fraquinho por melros. E melras. Sobretudo melras... ah, aquele bico afilado e bem definido, aquele olhar penetrante delineado com eyeliner amarelo, aquele bambolear suave das penas caudais quando alimenta as crias no solo com minhocas... e aquele... bom, onde é que eu ia? Pois, os melros do meu jardim, claro.

Ao longo dos anos, fui tentando criar as condições ideais para que os melros se instalassem cá em casa, criando em segurança as suas proles de quatro a cinco avezinhas de cada vez (duas a três vezes ao ano): sebes e trepadeiras para as fêmeas ocultarem os seus ninhos em forma de taça, uns cantos com vegetação rasteira e sombra para o treino da caça à minhoca, um ponto de água para banhos e uns poleiros (no meu caso foram uns velhos esteios de ramada) para os machos mostrarem o que valem como cantores líricos. Foi arquitetura paisagista q.b., mas resultou. Os melros



FIGURA 4 As crias de melro passam muito tempo no chão em busca de comida e, por vezes, mostram-se relutantes em levantar voo, preferindo esconder-se entre a vegetação.

vieram para ficar e encher o meu diário natural de tropelias. Na verdade, apesar de apreciar este bicho emplumado, confesso que, desta vez, é com os olhos marejados que vos escrevo esta crónica, caros leitores. Choro os meus mirtilos, framboesas e groselhas, as minhas ameixas, maçãs-reineta e peras-rocha. Mas, por quem os meus olhos pranteiam litros de água lacrimal da melhor qualidade, é pelas minhas meninas... as minhas succulentas, carnudas e imaculadas cerejas. Passo a explicar. No meu jardim/quintal vivem duas famílias de melros. Os melros do jardim, que se cingem ao prado, aos canteiros e à varanda (neste caso, utilizada como wc altaneiro) e os do bosque, que se limitam à pequena área florestal, ao pomar e à horta. Os melros são bastante territoriais e, como todas as boas famílias, também



FIGURA 5 Os melros (fêmea à esquerda e macho à direita) não hesitam em visitar os comedouros e bebedouros de jardim.

estas duas se adoram... mas à distância. E a coisa piora na época da reprodução. Literalmente, voam penas de cada vez que os patriarcas de cada um dos clãs se cruzam na altura da procriação o que, no caso dos melros do meu jardim, vai de fevereiro a outubro, sem direito a férias (ao que me consta as melras do meu jardim são bastante fogosas e, amiúde, dadas à galhofa). Como é bom de ver, com tanta azáfama conjugal, as proles que se passeiam cá por casa sucedem-se a um ritmo alucinante (cheguei a contar 12 melros de uma só vez!) o que, sendo um regalo e orgulho para o Steinwender ornitólogo, é um pesadelo para o Steinwender hortelão. É que, sendo omnívoros, os melros tanto consomem insetos e vermes que obtêm esgravatando os canteiros, como devoram bagas e frutos que colhem, diretamente do produtor (leia-se, o vosso cronista lacrimajante).

Ora, e voltando às cerejas, acontece que a mãe natureza, na sua imensa sapiência e ardiloso engenho, programou as crias de melro para crescerem mais depressa que um pé de alface e estejam aptas a debicar tudo o que reluz e aparenta ser doce no meu quintal, ao fim de uns meros 25 dias de existência terrena. O que, na essência, equivale a dizer que ao fim de um mês de vida, entre maio e julho, todos os melros *teenagers* se empoleiram nas minhas árvores de fruto para, diligentemente, se dedicarem a educar os seus delicados palatos com o que de melhor a fruticultura local tem para oferecer, sobretudo a minha cerejeira. E o pior é que, da convivência próxima com os residentes humanos, os jovens biltres tardam em aprender que devem voar para bem longe quando um jardineiro de ar enfurecido e a suar as estopinhas pela subida à árvore, deles se abeira enquanto grita *xôooo melro* e bate furiosamente as palmas para os afugentar (ou pelo menos tenta, que isto de se pendurar numa árvore para bater palmas aos melrinhos que vão às cerejas, qualquer dia corre mal). Diria até que, para além de estarem a perder as faculdades de voo, a nova geração de melros está a tor-

nar-se pedante. Certa vez, enquanto procurava ruidosamente enxotar um jovem indolente e obeso melro do seu repasto no alto da cerejeira, os meus olhos, esbugalhados pelo esforço, encontraram os seus, semicerrados de prazer. Nesse instante, num raro momento de comunhão interespecífica, logrei ler o pensamento que aflorava aquelas pequenas e pueris iris pardacentas: *mas que #&%*#" \$ é esta? Que raio é que este idiota está a fazer?!? Palminhas? Baza e vai-te encher de moscas, ò jardineiro de #&%\$#!* Ainda procurei a mãe do jovem para lavar um protesto formal, mas como é costume entre as fêmeas – desta espécie, bem entendido – nunca aparecem quando é preciso.

Escusado será dizer que não me revejo no modo liberal como os progenitores estão a educar esta juventude melra, passando-lhes a mão (perdão, *asa*) pelo pêlo (perdão, *penas*) e deixando-os livres para agirem como passarinhos rebeldes e preguiçosos. Todos sabemos que estes melrinhos, como todos os adolescentes, estão programados para o *dolce fare niente*. Aliás, à medida que os anos vão passando, torna-se evidente que as sucessivas gerações de jovens melros do meu jardim vão acentuando o desinteresse pela milenar arte de esgravatar a terra em busca de minhocas e larvas, e vincando o apetite pela *fast food* frutícola associada ao ócio. Decididamente, já não se fazem melros como antigamente!



FIGURA 6 É frequente os melros machos procurarem poleiros destacados de onde possam entoar os seus gorjeios aflautados.